

A Web 2.0 e o Hipertexto como Vetores de Construção de uma Memória Coletiva no Ambiente das Páginas Web

Maria Clara Aquino²

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Bolsista CNPq

Resumo: A proposta deste trabalho gira em torno do hipertexto e dos conceitos de Web 2.0 e memória coletiva. Através de um resgate histórico da trajetória do hipertexto, pretende-se mostrar a potencialidade coletiva deste tipo de escrita, sua importância para a efetivação da Web 2.0 e conseqüentemente de construção de uma memória coletiva neste ambiente.

Palavras-chave: hipertexto – coletividade – Web 2.0 – memória coletiva

Introdução

O surgimento das novas tecnologias de comunicação e conseqüentemente da cibercultura despertaram a atenção do meio acadêmico para o estudo do impacto destes novos aparatos comunicacionais sobre os indivíduos. As páginas Web, mesmo consideradas relativamente novas, e também outras aplicações da Internet, já sofreram alterações e hoje ganham até uma nova denominação: Web 2.0³, não em substituição, mas como uma evolução ao que se poderia chamar então de Web 1.0. Trazendo como objeto de estudo o hipertexto na Web, pretende-se comparar as idéias iniciais de hipertexto propostas por Vannevar Bush (1945) e Ted Nelson (1965), e as atuais aplicações deste tipo de escrita nas páginas Web, para demonstrar a possibilidade de construção de uma memória coletiva nessas páginas. A preocupação também foca-se na importância a ser dada ao estudo, ainda recente, do hipertexto com um caráter social, como uma construção coletiva.

A exposição parte de um breve resgate histórico do hipertexto para chegar aos tempos presentes e comparar suas formas de aplicação pretendendo-se apontar os desvios dos objetivos iniciais de Nelson e Bush e as potencialidades interativas do hipertexto, no intuito de tornar visíveis as conseqüências desses desvios. O próximo passo consiste em expor as mudanças ocorridas na Web, que originam esta denominação de Web 2.0, bem como as características deste novo termo. Em seguida, apresentar-se-ão conceitos de memória coletiva de autores como Maurice Halbwachs (2004) e Bartlett (2004), ambos estudados por Myrian Sepúlveda (2003), para então apresentar a hipótese de construção de uma memória coletiva na Web, através do tipo de hipertexto proposto por Nelson e Bush, o que será visualizado através de três exemplos já existentes na Rede.

¹ Trabalho a ser apresentado no INTERCOM 2006 - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação no NP de Tecnologias da Informação e da Comunicação

² Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista do CNPq

³ Artigo: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>

1. Hipertexto

O hipertexto não surge com a Internet, nem com a Web, mas bem antes. Como primeiras manifestações hipertextuais pode-se apontar os manuscritos do início da Europa Moderna, que Burke caracterizava por textos “menos fixos e mais maleáveis do que os impressos”, em função da possibilidade do responsável pela transcrição poder acrescentar ou subtrair palavras e trechos no momento da transcrição. Chartier (2002, p. 14) *apud* Primo e Recuero (2004, p. 28) relembra as *marginalias*, nos séculos XVI e XVII, que eram anotações feitas nas margens dos livros impressos e posteriormente transferidas para cadernos de “lugares comuns” para posteriores consultas. No século XX, o Memex de Bush (1945) e o Projeto Xanadu de Ted Nelson (1965) lançam as bases para a efetivação de um hipertexto eletrônico coletivo, que acabou então atrofiado com o advento das páginas Web, na medida em que hoje em dia o hipertexto dessas páginas nem sempre é construído coletivamente.

Uma discussão de grande peso na pesquisa sobre cibercultura gira em torno da interatividade das novas tecnologias e isso pode ser associado com a idéia de coletividade para a qual se quer chamar a atenção neste trabalho. É comum encontrar afirmativas de que as páginas Web são interativas. Com certeza são, mas também não são e assim, a interatividade dessas páginas varia em diferentes níveis. Aqui utilizamos a classificação de Primo (1998, 2003) que divide a interação em mútua e reativa⁴.

Uma página pode proporcionar apenas a liberdade de navegação ao seu usuário, a escolha de qual trilha hipertextual seguir e assim será uma página de interação reativa. Páginas com espaço para fóruns e comentários em geral, ou seja, com canais de comunicação com o leitor, onde este pode se manifestar mais livremente, já podem ser consideradas de interação mútua. E por fim, aquelas páginas em que é permitido ao internauta modificar seu conteúdo e até mesmo incluir novos *links* no hipertexto, considera-se aqui o mais alto nível de interação mútua que a Web pode oferecer e que converge com os ideais de Bush e Nelson. Dessa forma, o ambiente das páginas Web, se existisse com um hipertexto nos moldes dados por Nelson, seria um espaço com um alto grau de interação mútua e de coletividade, já que os hipertextos seriam construídos em conjunto pelos internautas, fundindo as funções de autor e

⁴ Primo (1998, p. 7) classifica a interação em **mútua** e **reativa**, dizendo que “a primeira se apresenta como plena e a segunda como fraca e limitada”. A interação mútua é baseada na reciprocidade e interdependência e a interação reativa se configura através da escolha entre um determinado número de opções.

receptor. A partir daí, muita coisa mudaria na Web, principalmente o nível de participação dos seus usuários para a sua construção.

Não se pretende aqui negar o caráter interativo das páginas Web, mas sim observar seus níveis de interatividade para comparar com os ideais de hipertexto propostos antes de seu surgimento. Com isso, o que se quer é mostrar o quanto limitado ainda se encontra o nível de coletividade na construção da Web, fator que impede diretamente a formação de uma memória coletiva nesse espaço. É então neste momento, que o trabalho volta-se para a apresentação do que vem sendo chamado de Web 2.0 e que é visto como uma nova alternativa capaz de subverter os padrões da Web 1.

2. Web 2.0

Tim O'Reilly⁵, fundador e CEO do *O'Reilly Media*, é um ativista pela fonte aberta, pelos padrões abertos e sensível as leis da propriedade intelectual. Juntamente com Dale Dougherty, os dois chegaram à conclusão de que “*far from ‘crashing’, the web was more important than ever*”⁶, e entre o responsável por uma virada na Web ser o colapso do pontocom ou a existência de uma chamada Web 2.0, escolheram a segunda opção. Nascia então a *Web 2.0 Conference* (O'REILLY, 2005, *online*)⁷.

A primeira *Web 2.0 Conference* ocorreu em 2004 e desde então reúne executivos, empresários de gigantes da Internet e companhias inovadoras que estão transformando as maneiras de fazer negócio na Rede. Em 2004, o foco da discussão foi as implicações da Web como uma plataforma. Em 2005 o debate foi aprofundado e os olhares voltaram-se para onde as inovações estavam acontecendo e o que se poderia esperar para 2006. Este ano, a conferência ocorrerá em São Francisco, em outubro.

O'Reilly e Dougherty diferenciam a Web 2.0 da Web 1.0 através de uma nova visão da Web: como uma plataforma (O'REILLY, 2005, *online*). Em “*What is Web 2.0*” O'Reilly traz uma série de demonstrações dessa nova Web. Além de modificações estruturais e funcionais, ele aponta novos modelos de negócios. O que realmente nos interessa neste trabalho são algumas das conseqüências destas modificações e por isso iremos nos deter na que aqui mais nos importa: a coletividade, a possibilidade de uma inteligência, uma memória coletiva através da Web.

⁵ <http://tim.oreilly.com/>

⁶ Tradução da autora: “longe de ‘quebrar’, a *web* estava mais importante do que nunca”.

⁷ <http://www.web2con.com/>

Ao fim de “*What is Web 2.0*” O’Reilly enumera sete princípios da Web 2.0, dos quais três merecem destaque, para que possamos traçar a relação do hipertexto com esse novo contexto que se forma na Web: a) *Control over unique, hard-to-recreate data sources tha get richer as more people use them*⁸; b) *Trusting users as co-developers*⁹; c) *Harnessing collective intelligence*¹⁰ (O’REILLY, 2005, *online*). Podemos já trazer concretizações desses princípios na Web: a Wikipédia¹¹ é um exemplo que engloba todos os três e que se baseia na coletividade. A enciclopedia *online* cresce e se desenvolve a cada contribuição, o sistema acredita nas intenções e conta com os usuários como co-desenvolvedores e por fim, o sistema torna-se uma inteligência coletiva, já que os verbetes podem ser criados e modificados por qualquer internauta¹².

Retomando, quando Berners-Lee cria as páginas Web o hipertexto vê seu potencial coletivo desaparecer, já que a forma como veio a ser praticado nessas páginas não passava de unilateral, construído somente pelos programadores. Com o advento de ferramentas que possibilitam uma escrita efetivamente coletiva via hipertexto, tais como a Wikipédia, inicia-se a passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 e finalmente podemos visualizar as possibilidades de uma construção coletiva que nos remete exatamente aos três princípios descritos acima: a) Quanto mais pessoas utilizarem o hipertexto, podendo modificar seu conteúdo e incluir novos *links*, mais ricas de informação serão as páginas; b) A construção coletiva do hipertexto coloca todos como co-desenvolvedores, praticamente anulando a escrita individual nesse contexto; c) O aumento do uso aliado à co-participação no desenvolvimento do hipertexto propicia a formação de uma inteligência coletiva. Assim, o hipertexto da Web 2.0 atenderia então aos preceitos de coletividade proposto por Ted Nelson.

Esta transformação da Web traz inovações que dependem não só da mudança das práticas dentro do ambiente de suas páginas, como o hábito que agora o internauta deverá criar – de interferir no hipertexto – mas também de modificações funcionais. Assim, o que vem auxiliando na concretização da Web 2.0 é um projeto, ironicamente, de Berners-Lee. Ao mesmo tempo em que criou as páginas Web, ele criou a W3C¹³, visando possibilitar a construção de suportes que acolham novos espaços,

⁸ Tradução da autora: “Controle original excedente, difícil de recriar as origens dos dados que tornam mais ricos quanto mais pessoas as usarem”.

⁹ Tradução da autora: “Confiar nos usuários como co-desenvolvedores”.

¹⁰ Tradução da autora: “Aproveitar a inteligência coletiva”.

¹¹ <http://www.wikipedia.org>

¹² Este sistema ganhará maior atenção no item 4

¹³ <http://www.w3.org/>

novas ferramentas, novos esquemas, como os da Web 2.0 e assim tornem possível o acesso universal a estes ambientes.

O *site* do projeto traz a missão da W3C: *‘To lead the World Wide Web to its full potential by developing protocols and guidelines that ensure long-term growth for the Web’*¹⁴. Entende-se a W3C como a responsável pela criação e aperfeiçoamento de suportes para que os usuários da Web possam, de qualquer *browser*, de qualquer computador, por exemplo, acessar as mais diversas páginas, ferramentas e serviços disponíveis na Web. É comum vermos uma espécie de confusão entre os conceitos de Web 2.0 e W3C. É importante enxergar que são objetos diferentes: a Web 2.0 seria a nova face, a nova forma de utilização das páginas Web, com novos instrumentos e práticas, a W3C seria o suporte para a efetivação dessas novas aplicações.

O’Reilly (2005, *online*) faz uma lista comparativa do que seria o senso de Web 2.0 e nessa lista encontramos alguns itens que remetem a idéia de coletividade que queremos focar aqui:

Ofoto (Web 1.0)	Flickr (Web 2.0)
Britannica Online (Web 1.0)	Wikipédia (Web 2.0)
Sites pessoais (Web 1.0)	Blogs (Web 2.0)
Publicação (Web 1.0)	Participação (Web 2.0)
Sistemas de conteúdo gerenciado (Web 1.0) Wikis (Web 2.0)	Wikis (Web 2.0)

As contraposições entre os sistemas e as características de cada um, nos mostram algumas das idéias essenciais da Web 2.0: coletividade, participação e colaboração como substitutas de individualidade, estagnação, limitação, unilateralidade, etc. O hipertexto é fundamental dentro dessa transformação, a qual não poderia ocorrer se este tipo de escrita não estivesse sofrendo estas modificações (possíveis através dos novos formatos Web) que vêm lhe trazendo de volta suas características iniciais, amputadas pelo formato das páginas Web de Berners-Lee.

Com a passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 é possível então visualizarmos aquilo que Lévy (1993) já previa desde o início da Internet: a possibilidade de formação de uma inteligência coletiva. Enquanto Lévy falava em termos mais abrangentes, já que preconizava a formação de um cérebro coletivo no ciberespaço, na Internet inteira, O’Reilly acaba parecendo mais razoável quanto a delimitação do espaço na emergência dessa inteligência coletiva, já que a Web mesmo sendo apenas alguma das várias expressões da Internet é a mais conhecida dos seus inúmeros usuários e onde vem

¹⁴ Tradução da autora: Conduzir a *World Wide Web* ao seu total potencial desenvolvendo os protocolos e as linhas de guia que assegurem o crescimento a longo prazo para a *web*.”

sendo armazenada, de forma coletiva, uma quantidade incontável de informações.

Hyperlinking is the foundation of the web. As users add new content and new sites, it is bound in to the structure of the web by other users discovering the content and linking to it. Much as synapses form in the brain, whit associations becoming stronger through repetition or intensity, the web of connections grows organically as an output of the collective activity of all web users (O'REILLY, 2005, *online*)¹⁵.

O`Reilly transparece as vantagens do hipertexto coletivo dizendo que se forma uma cadeia, uma trilha de associações, à medida em os usuários vão descobrindo novos conteúdos e assim adicionando novos *links* nos hipertextos. Para ele, as conexões da Web crescem através da exposição da atividade coletiva de seus usuários e não através da repetição ou intensidade de associações realizadas. Essa atividade coletiva vai então contribuir para o que iremos tartar a partir daqui, uma memória coletiva a partir da Web.

3. Memória Coletiva

As principais referências utilizadas sobre este tema são *A Memória Coletiva*, livro póstumo de Maurice Halbwachs e *Memória Coletiva e Teoria Social* de Myrian Sepúlveda dos Santos que trabalha a fundo a obra de Halbwachs além de trazer mais estudos sobre memória desenvolvidos por outros autores, como Bartlett, a quem contrapõe com Halbwachs.

Em 1925, Halbwachs publica *Lês Cadres Sociaux de la Memóire* onde vai demonstrar que a memória não pode ser separada dos quadros sociais reais nos quais os fatos aconteceram e que, além disso, a memória depende dos outros, ou seja, que para lembrar-se de algo, os indivíduos precisam recorrer a outros indivíduos e à sociedade na qual estão inseridos, consequentemente aos quadros sociais (HALBWACHS, 2004, p. 22, 24).

Percebe-se então a necessidade de recorrência ao coletivo para o resgate da memória e assim Sepúlveda (2003, p. 21) diz que para Halbwachs a memória era uma memória coletiva, já que considerou a memória “como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham como função manter a sociedade coerente e unida”. É visível também o envolvimento do passado com o presente, sendo aquele uma reconstrução dentro deste.

¹⁵ O hyperlink é a fundação da web. Assim como os usuários adicionam conteúdo novo e novos sites, isto é limitado na estrutura da web por outros usuários descobrindo o conteúdo e linkando esse conteúdo. Mais do que formas de synapses no cérebro, com associações tornando-se mais fortes através da repetição ou intensidade, a web de conexões cresce organicamente como um output da atividade coletiva de todos os usuários da web.

Inicialmente, Halbwachs (2004, p. 42) separa memória coletiva de memória individual, dizendo que só passamos a ter uma memória quando nos tornamos um ente social, pois sem nenhuma relação com qualquer outro indivíduo é impossível que recordemos alguma coisa, já que a memória é coletiva. A existência de uma memória individual seria chamada por ele de “intuição sensível” (Halbwachs, 2004, p. 41), mas essa possibilidade de memória individual seria vista apenas como um ponto de vista sobre a memória coletiva:

Diríamos, voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia, quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 2004, p. 55)

A recorrência a memórias alheias e aos quadros sociais em que ocorreram os fatos são os pressupostos fundamentais para a existência da memória, que será sempre coletiva, na concepção de Halbwachs. Esta sua divisão entre memória individual (a qual será chamada de “intuição sensível”) e memória coletiva, pode ser equiparada à divisão feita por Sepúlveda (2003, p. 70) entre memória social e memória individual, quando ela diz que Halbwachs afirma não existir memórias individuais, já que os indivíduos nunca são seres solitários. Sepúlveda diz que, de acordo com Halbwachs, as recordações de um indivíduo são diferentes das de outros porque cada um possui uma trajetória de vida única, ao longo da qual vai realizando diferentes combinações de quadros sociais. A memória individual seria então o resultados destas combinações (SEPÚLVEDA, 2003, p. 71). Neste momento, Sepúlveda traz para a discussão as colocações de Bartlett acerca da memória e as contrapõe com o pensamento de Halbwachs ao dizer que enquanto este “ênfatisou o fato de que os indivíduos recordam a partir dos quadros sociais, Bartlett destacou que os indivíduos estão sempre atribuindo significado às suas memórias à medida que as estão construindo” (SEPÚLVEDA, 2003, p. 71).

De fato, Bartlett difere de Halbwachs ao colocar a memória coletiva como parte de um processo de conhecimento e reconhecimento do mundo, uma conduta influenciada por crenças, tradições, costumes, sentimentos e instituições partilhadas no grupo (SEPÚLVEDA, 2003, p. 55, 57). A preocupação de Bartlett era “com o estudo dos processos pelos quais condutas individuais eram forjadas no contexto social. Suas análises não se voltavam para o estudo de representações ou práticas

coletivas, mas para condutas individuais associadas a condições sociais determinadas” (SEPÚLVEDA, 2003, p. 57, 58).

Mesmo que sob diferentes pontos de partida para o estudo da memória, é perceptível nas visões de ambos o caráter de coletividade necessário e determinante para a construção/reconstrução da memória. Nos apontamentos dos dois estudiosos, a existência de uma memória unicamente individual não seria possível, já que ambos pressupõem a influência de diferentes aspectos, os quais dependem de outros indivíduos e fatores, para sua constituição.

Nos seus estudos, Bartlett trazia a idéia de que as experiências dos indivíduos seriam coordenadas e armazenadas numa espécie de série. Tulving então, apresenta a classificação da memória em episódica e semântica. A primeira seria aquela memória em que os dados teriam uma localização própria no espaço e no tempo; e a segunda seria o conjunto de conhecimentos acumulados pelo indivíduo (SEPÚLVEDA, 2003, p. 62).

É de extrema importância trazer também a divisão de Halbwachs em memória coletiva e memória histórica, quando por fim ele irá dizer que a “memória coletiva não se confunde com a história” (HALBWACHS, 2004, p. 84). Porém, antes disso, Halbwachs divide a memória em autobiográfica e histórica, sendo que “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla que a primeira” (HALBWACHS, 2004, p. 59). Ele explica a memória histórica como os acontecimentos que compõem a história nacional, mas cujos quadros sociais não são o essencial da memória coletiva, a qual sofre a influência de muitos outros grupos, que também possuem uma memória e que atuam muito mais fortemente sobre a vida e o pensamento de seus membros (HALBWACHS, 2004, p. 84). Assim, a memória coletiva difere da histórica por ser uma corrente de pensamento contínuo, que retém o passado do seu grupo, enquanto este permanece vivo. Halbwachs (2004, p. 89, 90) ainda irá dizer que a história é única, mas as memórias coletivas não. Por isso Sepúlveda (2003, p. 85) diz que no momento em que o grupo se extingue e a memória coletiva passa a ser armazenada sob uma forma escrita, passa então a ser história, e assim Halbwachs (2004, p.114) vai mostrar que a história ultrapassa os limites da memória coletiva. A história seria a memória de grupos que já se extinguíram, a permanência no tempo, de uma memória coletiva cujo grupo que a constituiu, não mais existe.

Todas estas considerações acerca das abordagens sobre a memória foram feitas para que possamos defender a hipótese de formação de uma memória coletiva na Web e principalmente agora, em função do desenvolvimento das características da Web 2.0. Dentre os conceitos apresentados, a presença de um caráter coletivo como determinante da memória é plenamente visível em todos eles. A coletividade é uma das, senão a, principais características da Web 2.0 e assim, pretende-se aqui demonstrar, que através da efetivação daquele hipertexto proposto por Ted Nelson, é possível a construção dessa memória coletiva no ambiente das páginas Web.

4. Possibilidades de memória coletiva na Web

Após a exposição realizada sobre os três pilares que embasam esta proposta, percebe-se a interdependência entre os tais. Podemos dizer que a Web 2.0 não existe sem o hipertexto coletivo, nos moldes da proposta de Nelson e que este hipertexto depende da Web 2.0, já que é nesta que se forma o ambiente propício para sua prática coletiva. Quanto à hipótese de construção de uma memória coletiva na Web, é através desse hipertexto e do ambiente da Web 2.0 que poderemos efetivá-la. Contudo, não nos basta apenas apresentar a hipótese sem dar ao menos algum indício de sua possível concretização. Com já se disse anteriormente, a Web 2.0 não surge de uma hora pra outra, pelo contrário, ela já existe há algum tempo, nós é que ainda não havíamos percebido. Tanto pela forma estrutural, através de esforços como W3C, como pela forma de comportamento dos internautas, no caso de por exemplo o *software* livre. E é assim, que então pretendemos elencar algumas dessas manifestações, umas mais claramente presentes em nossos cotidianos virtuais, outras nem tanto, que aqui nos amparam e tornam mais aceitáveis as transformações mencionadas.

a) **Wikipédia:** Lançada em 2001, por Larry Sanger e Jimmy Wales, constitui-se em uma enciclopédia *online*, baseada no sistema Wiki, pública e formada por verbetes sobre os mais diferentes temas. Disposta em 205 idiomas e dialetos, a Wikipédia abriga mais de 3,5 milhões de artigos e mais de 720 milhões de palavras. Contém mais de um milhão de artigos em língua inglesa, segundo dados de fevereiro de 2006, e 125 970 artigos língua portuguesa¹⁶.

Em virtude de sua abertura à intervenção, os internautas não podem ser chamados de meros usuários ou leitores, à medida que podem se tornar co-autores quando quiserem. A autoria não fica aqui relegada à mera opção entre caminhos abertos por um

¹⁶ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>

webmaster, que ocuparia uma posição hierarquicamente superior (mantendo para si a posse pelo produto digital e o privilégio de alterar o hipertexto e seu conteúdo escrito) (PRIMO E RECUERO, 2003, p. 7, 8).

O seu caráter coletivo é claro e vem do fato de que qualquer um pode criar ou modificar os verbetes, sem autorização prévia do criador do texto, nem do último usuário que o modificou; e o mais importante de tudo, pelo menos neste momento, é que é possível também incluir novos *links* dentro dos verbetes, tanto para dentro quanto para fora da Wikipédia, tornando-a assim um exemplo de hipertexto construído coletivamente, ou seja, nos moldes propostos por Nelson.

... o sistema Wiki veio permitir não apenas a reunião de dados, mas a própria geração de novos conhecimentos de forma compartilhada entre diferentes sujeitos, a qualquer tempo e de qualquer lugar (PRIMO E RECUERO, 2003, p. 8, 9).

A questão que pode surgir é quanto a quem “cuida” do que é publicado na Wikipédia. O sistema é passível de informações falsas, mas a enciclopédia possui responsáveis por esta “vigilância” do que é publicado. A Wikipédia é gerida e operada pela *Wikimedia Foundation*¹⁷, organização sem fins lucrativos, cujo nome é a mistura de *wiki* e *multimídia*, embora todo o projeto da Wikimedia seja dominado por uma única mídia: o texto. A Wikipédia já ganhou prestígio em meios como o acadêmico e assim, seus próprios usuários também se preocupam com a legitimidade do conteúdo do sistema.

Quanto à relação hipertexto – Web 2.0, é fácil reconhecer na Wikipédia, a concretização do ideal de coletividade hipertextual de Nelson. Mas e quanto à memória coletiva? Levando-se em conta os conceitos abordados, principalmente na questão da construção da memória através da recorrência a outras memórias e também em função dos quadros sociais, como dizia Halbwachs, a Wikipédia incorpora sim a construção de uma memória coletiva, já que o que é deixado no sistema serve como recurso para a criação de um novo verbete ou até a alteração de algum já existente. Um recurso do sistema é a possibilidade de os internautas verificarem as diversas modificações pelas quais o texto passou (Bush previa esta possibilidade, de armazenagem de conteúdos de outros Memex, para que assim os usuários pudessem fazer uma espécie de troca de trilhas associativas). Isso poderia ser equiparado a uma consulta à diferentes memórias, ou seja, uma consulta aos diferentes formatos e conteúdo significativo que o texto já recebeu de outros internautas. O texto seria o resultado de uma

¹⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikimedia>

memória coletiva, já que seria uma construção baseada em formatos anteriores e em constante modificação.

A classificação de Tulving (*apud* SEPÚLVEDA, 2003, p. 62) também pode ser caracterizada na Wikipédia. A memória semântica seriam os dados armazenados num espaço, virtual é claro, e no tempo, ou seja, no contexto de criação do verbete, ainda que os contextos se diferenciem ao ritmo das modificações dos verbetes. O conhecimento adquirido por cada colaborador seria a memória semântica dos internautas, a qual seria exposta através dos verbetes e então constantemente modificada.

A Wikipédia também pode fazer história. O sistema permite que os usuários criem páginas *wiki*, onde podem armazenar conteúdo e realizar as modificações que acharem pertinentes. Ainda que abertas a qualquer usuário, existem páginas wiki onde a predominância é dos formadores do grupo no cenário de atuação daquela página. Se o grupo se extingue, mas a página continua na Web, o conteúdo desta página é a história do grupo, sua memória coletiva em formato de história, já que o grupo foi extinto.

É assim então que a Wikipédia incorpora um potencial de formação de uma memória coletiva no ambiente das páginas Web e se torna um espaço característico da Web 2.0, tanto por seu caráter coletivo intrínseco devido ao seu sistema funcional, quanto por ter um esquema hipertextual estruturado de acordo com os objetivos de Nelson.

b) Blogs

Os *blogs* também configuram-se como um espaço propício para a formação de uma memória coletiva. Recuero (2002, p. 7) nos fala em *webrings* que seriam:

...círculos de *blogueiros* que lêem seus *blogs* mutuamente e interagem nestes *blogs* através de ferramentas de comentários. Os *blogs* são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e dos comentários nos *posts* entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos *blogs*.

Os *blogueiros* linkam em seus *blogs* outros *blogs*, bem como *posts* específicos, dentro de seus próprios *posts*. A hipertextualidade ainda se manifesta nos comentários, onde os leitores de um *blog* podem incluir, além dos comentários, *links* para outros *blogs* ou *sites* em geral. Ainda que o leitor não se torne um co-autor efetivo, já que não interfere no *post*, ele pode se tornar um colaborador do dono do *blog*, já que pode fazer sugestões, críticas, e comentários, através de textos e *links*, no comentários. A memória coletiva destes *blogueiros* encontra-se então, tanto nos *posts* de cada *blog*, quanto nos

comentários. Com a possibilidade de armazenar os *posts* e também os comentários, pode-se inferir que essa rede de *blogs*, certamente evoluirá de acordo com o andamento do conteúdo de cada *blog*. Cada *blog* poderia ser considerado uma memória individual que seria construída a partir da visão de cada *blogueiro* sobre a rede de relações com outros *blogs* na qual está inserido. Certamente os quadros sociais de cada *blogueiro* exercerão influência sobre o conteúdo de cada *blog*, mas os comentários, a mistura de diferentes memórias individuais, constituídas de diferentes quadros sociais, criará uma memória coletiva deste grupo e formará assim seus próprios quadros sociais, figurados nos comentários e nos *posts*.

A memória episódica é o armazenamento dos arquivos de cada *blog*, resgatável através de *links*; e a memória semântica divide-se entre os *blogueiros*, em suas memórias individuais e a memória coletiva do grupo. Se a *webring* se desfaz mas os *blogs* continuam no ar, a memória coletiva deste grupo de *blogueiros* acaba virando história, acessível através dos conteúdos de cada *blog*.

c) Flickr

O'Reilly faz um comparativo entre o oFoto¹⁸ e o Flickr¹⁹, situando o primeiro na Web 1.0 e o segundo na Web 2.0. Aqui trataremos do Flickr, sem compará-lo com o oFoto, mas sim apresentando sua potencialidade de espaço para a construção de uma memória coletiva através das páginas Web.

O Flickr é um sistema para publicação de fotos que possui ferramentas que possibilitam a formação de grupos dentro do sistema. É possível linkar na página inicial de fotos outros indivíduos que também possuem um perfil no Flickr, e isso pode ser equiparado às *webrings* formadas pelos *blogs*. Esta característica de *webring*, também se concretiza com o fato de os usuários do Flickr comentarem as fotos uns dos outros e além disso, um dos diferenciais do sistema para outros fotologs, são as *notes*, espécies de comentários na própria foto. As *notes* podem ser comparadas com os adesivos que antigamente eram colados nas fotos impressas, mas, ao contrário desses adesivos que vinham com frases prontas, no Flickr é possível criar o conteúdo das *notes*. Outro diferencial do Flickr é a classificação das fotos, onde o usuário pode criar dentro da sua página no Flickr, álbuns de fotos, agrupando-as sob determinado assunto. É possível ainda, eleger fotos favoritas de outros usuários e mandar mensagens para os outros, sem ser no espaço de comentários e *notes*.

¹⁸ <http://www.kodakgallery.com>

¹⁹ <http://www.flickr.com>

Enfim, percebe-se a coletividade deste sistema, já que a comunicação ocorre através de uma rede hipertextual de relações formada através dos perfis do Flickr, tanto nos comentários quanto nas linkagens entre os usuários. A memória coletiva é construída com esses *links* dos comentários, das organizações sobre as disposições das fotos, as quais confeririam o caráter de uma memória episódica, por datarem as fotos. As *notes* também são um dado curioso, já que seus conteúdos geralmente referem-se aos contextos, ou seja, aos quadros sociais no momento em que as fotos foram tiradas. É claro que os quadros sociais da época também são descritos nos comentários, mas cabe aqui salientar que somente no Flickr existe a possibilidade das *notes*.

O Flickr seria um álbum de fotografias dinâmico. Ao mesmo tempo que as pessoas recordam, vão construindo novos contextos e histórias sobre cada foto, e tais construções são armazenadas nas páginas do Flickr, constituindo uma memória coletiva dos grupos formados no sistema.

Considerações finais

A passagem da Web 1.0 para a Web 2.0, dentro dos aspectos aqui abordados, quanto ao hipertexto e a formação de uma memória coletiva, é claro que não será total, ou seja, existem determinados espaços na Web que não poderão enquadrar-se nessas características de coletividade aqui estudadas. É absolutamente impossível considerar que a Web venha a se tornar um espaço totalmente coletivo e assim construído, mas sim que alguns de seus espaços atenderão a essas características. O comércio eletrônico certamente não é um espaço propício para a modificação do conteúdo de suas páginas, nem a livre inclusão/exclusão de *links* por parte dos usuários da Internet. Porém sua inclusão dentro da Web 2.0 não é impossível. O'Reilly traz algumas modificações sofridas pelas formas de fazer negócio dentro da Internet e para isso inclui a participação do público no comércio eletrônico. Isto pode ser visualizado quando o autor cita *sites* como o eBay²⁰ e a Amazon²¹, que crescem através da colaboração de seus usuários. O primeiro através da compra e venda entre internautas e o segundo através do sistema de adaptação ao gosto do cliente.

O'Reilly ainda cita a questão do *software* livre e dos direitos de propriedade como manifestações da Web 2.0. Ele diz que hoje, já podemos ver a expressão '*some rights reserved*'²² ao invés de '*all*

²⁰ <http://www.ebay.com/>

²¹ <http://www.amazon.com>

²² Tradução da autora: "Alguns direitos reservados".

*rights reserved*²³, o que vislumbra a abertura de estruturas antes fechadas, o compartilhamento de saberes e consequentemente a construção coletiva.

A idéia aqui não foi estudar a fundo a Web 2.0, mas sim destacar uma de suas principais características: a coletividade, que é então possibilitada através da modificação da forma de construção hipertextual nas páginas Web, e que assim viabiliza a formação de uma memória coletiva neste espaço.

Este foi um primeiro esboço de uma pesquisa que iniciou tratando do hipertexto e que hoje busca relacioná-lo com este novo conceito de Web. Quer-se mostrar que a Web é dinâmica e que para ter esta característica afluída, algumas modificações na sua estrutura e funcionamento são necessárias. Por isso, deixa-se aqui um alerta: é preciso dar atenção ao surgimento dessas novas ferramentas que subvertem o caráter unilateral presente na Web 1.0 e que apontam para um novo rumo, para novas modalidades de participação, é preciso utilizá-las, aperfeiçoá-las, adaptando-as as necessidades dos usuários, os quais através do uso, direcionado para a construção de uma memória coletiva, irão tornar concreto o caráter coletivo das páginas Web.

Referências Bibliográficas:

BUSH, Vannevar. **As We May Think**. 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

LANDOW, George. **Hypertext: the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**. Disponível em: <<http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/contents.html>>.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Editora. 34. São Paulo 1993. 230p.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0 Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. 2005. Disponível em: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Co-links: Proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais**. 2004.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia**. In: VII Seminário Internacional da Comunicação 2003,

²³ Tradução da autora: "Todos os direitos reservados".

Porto Alegre, Anais... Porto Alegre, 2003. Disponível em: http://pesquisando.atraves-da.net/hipertexto_cooperativo.pdf.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação Mútua e Interação Reativa**. Texto apresentado no GT de Teoria da Comunicação para apresentação no XXI Congresso da Intercom – Recife, PE, de 9 a 12 de setembro de 1998. Disponível em: <<http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm>>. Acesso em 19/03/05.

RECUERO, Raquel. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais** - Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de Comunicação, em Setembro de 2002. Trabalho publicado na revista 404notFound, v1. número 31, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva** Centauro Editora. São Paulo, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Annablume. São Paulo, 2003.

WATZLAVICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1967.